

PREFÁCIO

Tenho este livro pelo que ele vale. É um fruto cheio de cinza amarga; é como as coloquintidas do deserto que crescem em lugares calcinados e que não oferecem à sede senão uma queimadura ainda mais atroz, mas que sobre a areia dourada não são sem beleza.

Se tivesse apresentado o meu herói como um exemplo, convenhamos que pouco teria conseguido; os raros que se interessaram pela aventura de Michel fizeram-no para o infamar com toda a força da sua bondade. Não foi em vão que adornei Marceline com tantas virtudes; ninguém perdoou Michel por não a ter ferido a si mesmo.

Se tivesse apresentado este livro como um libelo contra Michel, dificilmente teria conseguido algo mais; ninguém me ficou reconhecido pela indignação que sentiu pelo meu herói; parece que a teriam sentido independentemente de mim; de Michel essa indignação extravasou para mim; por pouco não me confundiram com ele.

Mas não quis fazer deste livro nem um libelo nem uma apologia e, por isso, abstive-me de julgar. O público, hoje em dia, já não perdoa que o autor, depois de pintar a ação, não se manifeste a favor ou contra; mais do que isso, em pleno desenrolar do

drama, quer que ele tome partido, que se pronuncie claramente por Alceste ou por Filinto, por Hamlet ou por Ofélia, por Fausto ou por Margarida, por Adão ou por Jeová. Não pretendo, evidentemente, que a neutralidade (ia dizer: a *indecisão*) seja a marca de um grande espírito — mas creio que a muitos dos grandes espíritos repugna bastante... tirar conclusões — e que a colocação correta de um problema pressuponha que ele esteja, de antemão, resolvido.

É a contragosto que emprego aqui a palavra «problema». Na verdade, em arte não existem problemas — para os quais a obra de arte não seja a solução suficiente.

Se por «problema» entendemos «drama», direi que aquele de que este livro trata, pelo facto de se desenrolar na própria alma do meu herói, não deixa de ser demasiado geral para ficar circunscrito à sua singular aventura. Não tenho a pretensão de haver inventado este «problema»; ele existia antes do meu livro; quer Michel triunfe ou sucumba, o «problema» continua a existir, e o autor não propõe como adquirido nem o triunfo nem a derrota.

Se alguns espíritos ilustres escolheram não ver neste drama mais do que a exposição de um caso estranho, e no seu herói um doente; se preferiram ignorar que algumas ideias muito incisivas e de grande interesse poderiam, no entanto, nele habitar, a culpa não é dessas ideias ou desse drama, mas do autor, e por isso entendo: da sua inaptidão — ainda que ele tenha aqui colocado toda a sua paixão, todas as suas lágrimas e toda a sua dedicação. Mas o interesse real de uma obra e aquilo que ela desperta num determinado público são duas coisas muito diferentes. Pode-se preferir, penso eu sem grande presunção, correr o risco de não interessar, de imediato, com coisas interessantes — a cativar, sem

O IMORALISTA

qualquer hipótese de repercussão futura, um público apreciador de frivolidades.

De resto, não tentei provar nada, mas unicamente pintar bem e bem iluminar o meu quadro.

Ao Sr. D. R.,
Presidente do Conselho

Sidi b. M., 30 de julho de 1890.

Sim, tu tinhas razão: Michel falou connosco, meu querido irmão. A história que ele nos confiou, ei-la aqui. Tu havia-la pedido; eu havia-ta prometido; mas, no momento de ta enviar, hesito ainda, e quanto mais a releio mais terrível ela me parece. Ah, o que vais tu pensar do nosso amigo? Aliás, o que é que eu próprio pensei...? Devemos simplesmente reprová-lo, negando que seja possível reverter para o bem faculdades que se manifestaram cruéis? Mas muitos de nós hoje em dia, receio bem, ousariam reconhecer-se neste relato. Seremos nós capazes de inventar o emprego de tanta inteligência e força — ou negaremos a tudo isso direito de cidadania?

De que modo poderá Michel servir o Estado? Confesso que ignoro... Ele precisa de uma ocupação. A elevada posição que te valeram os teus grandes méritos, o poder que deténs, permitirão eles encontrar-lhe essa ocupação? Apressa-te. Michel é dedicado: ainda o é: em breve não o será senão a ele mesmo.

Escrevo-te sob um céu azul perfeito; nos doze dias em que Denis, Daniel e eu levamos aqui, nem uma nuvem, nenhum encobrimento do sol. Michel diz que o céu, desde há dois meses, está limpo.

Não estou nem triste nem alegre; o ar daqui enche-nos de uma vaga exaltação e dá-nos a conhecer um estado que parece tão longe da alegria como da tristeza; talvez seja felicidade.

Vamos ficar com Michel; não queremos deixá-lo; compreenderás porquê se leres estas páginas; é, portanto, aqui, na sua casa, que esperamos a tua resposta; não a proteles.

Sabes da amizade dos tempos do colégio, já então forte, mas que cresceu a cada ano, que liga Michel a Denis, a Daniel e a mim. Entre nós quatro firmou-se uma espécie de pacto: ao menor apelo de um os outros três ocorrem. Assim, quando recebi de Michel este misterioso grito de alarme, de imediato avisei Daniel e Denis, e partimos os três, abandonando tudo.

Há já três anos que não víamos Michel. Ele havia-se casado, seguindo em viagem com a sua mulher; e, aquando da sua última passagem por Paris, Denis estava na Grécia, Daniel na Rússia, e eu retido, como sabes, junto do nosso pai enfermo. Não ficáramos, entretanto, sem notícias de Michel; mas aquelas que nos haviam sido transmitidas por Silas e por Will, que o tinham encontrado, não podiam deixar de nos surpreender. Produziu-se nele uma mudança que ainda hoje não conseguimos explicar. Ele não era mais o puritano extremamente erudito de outrora, de gestos desajeitados à força de serem tão convictos e de olhar tão claro que, diante dele, muitas vezes as nossas conversas demasiado livres se detinham. Era... Mas porquê relevar-te já aquilo que o seu relato te irá contar?

Envio-te, pois, esta história, tal como Denis, Daniel e eu a ouvimos: Michel fez esse relato no seu terraço, onde nos deitáramos ao seu lado, no escuro e à luz das estrelas. No final da história, vimos o dia nascer sobre a planície. A casa de Michel domina essa planície, bem como o vilarejo do qual não dista muito. Por causa

do calor e das searas ceifadas essa planície assemelha-se a um deserto. A casa de Michel, embora pobre e bizarra, é encantadora. No inverno passa-se frio porque as janelas não têm vidros; ou melhor, não há janelas de todo, mas antes grandes buracos nas paredes. O tempo estava tão bom que dormíamos ao ar livre, sobre esteiras.

Deixa-me dizer-te ainda que fizemos boa viagem. Chegámos aqui à tardinha, extenuados pelo calor, sedentos de novidades, depois de breves paragens em Argel e em Constantina. Em Constantina um novo comboio levou-nos até Sidi b. M., onde uma caleça nos esperava. A estrada acaba longe da aldeia. Esta encontra-se empoleirada no alto de um rochedo, como certas aldeias da Úmbria. Subimos a pé; duas mulas levavam as nossas malas. Quando se toma esse caminho, a casa de Michel é a primeira da aldeia. Há um jardim cercado por muros baixos ou, melhor, por sebes, jardim esse onde crescem três romãzeiras curvadas e um soberbo loendro. Um menino cabila que ali estava fugiu assim que nos aproximámos, trepando o muro sem cerimónias.

Michel recebeu-nos sem manifestar alegria; muito sóbrio, parecia temer qualquer manifestação de carinho; mas na ombreira da casa, antes de mais, abraçou cada um dos três de modo grave.

Até ao anoitecer não chegámos a trocar dez palavras. Um jantar frugal foi servido num salão cuja sumptuosa decoração nos surpreendeu, mas que o relato de Michel te explicará. Depois serviu-nos café, que ele mesmo fez questão de preparar. Subimos então ao terraço de onde a vista se estendia até ao infinito, e nós os três, como os três amigos de Job, ficámos à espera, admirando o súbito declínio do dia sobre a planície em fogo.

Quando se fez noite, Michel disse: